

Lingüística de Córpus e Lexicografia Bilíngüe: O Caso Experimental de *Como* e suas Traduções para o Francês

*Adriana Zavaglia**

Resumo: *Este artigo tem como escopo apresentar um verbete bilíngüe experimental português – francês para o marcador como utilizando, como fundamentos e suportes principais para a sua elaboração, expedientes provindos da lingüística enunciativa de Culioli (1999a, 1999b, 2000) e da lingüística de corpus, tentando abordar a lexicografia bilíngüe de forma diferencial, dando especial atenção à definição e à contextualização bilíngüe do marcador.*

Palavras-chave: *lexicografia; corpus; tradução; definição; contextualização.*

Abstract: *This paper aims at presenting a bilingual experimental Portuguese-French dictionary entry of the marker "como". The main theoretical foundations of this new proposal are based on Culioli's enunciative linguistics as well as on Corpus Linguistics. This work represents an attempt to approach bilingual lexicography in a differential manner, thus paying special attention to the definition and to the bilingual contextualization of the marker.*

Keywords: *lexicography; corpus; translation; definition; contextualization.*

* USP/CITRAT – Bolsita Pós-Doc. FAPESP.

ZAVAGLIA, Adriana. *Linguística de Corpus e Lexicografia Bilíngüe: O Caso Experimental de Como e suas Traduções para o Francês*.

Introdução

Ao serem confrontados um verbete de dicionário monolíngüe com um verbete de dicionário bilíngüe (ou multilíngüe), percebe-se de imediato que cada um guarda características próprias que determinam a sua singularidade: enquanto a microestrutura do verbete monolíngüe conta com definições e contextualizações para as diversas acepções da entrada, o bilíngüe a preenche basicamente com opções na segunda língua, as quais são tratadas como correspondentes, equivalentes ou sinônimos da entrada, que não é definida nem contextualizada. Segundo Rey-Debove, aliás, a definição só se mostra necessária num dicionário bilíngüe “quando aquilo que tem nome numa língua não o tem na outra” (1984:67). Entretanto, essa característica parece não satisfazer por completo o consulente do dicionário bilíngüe. Como dissemos alhures (Zavaglia, 2000:844):

Os consulentes que fazem uso desses dicionários, sejam eles estudantes ou professores de língua, tradutores ou simples curiosos, muitas vezes passam do dicionário bilíngüe para o dicionário monolíngüe por não compreenderem em que contextos podem utilizar determinada palavra, ou seja, faltam-lhes uma definição cuidadosa, exemplos mais acurados e bem contextualizados; ou então percorrem o caminho inverso, indo do dicionário monolíngüe para o bilíngüe, porque entenderam o sentido da palavra procurada em contexto mas faltam-lhes correspondentes tradutórios. Assim, o trabalho de passar de uma língua para outra torna-se fastidioso.

Para solucionar esse tipo de problema, já em 1959, Jakobson apontava, com dizeres precursores, para “a necessidade urgente, a importância teórica e prática de dicionários bilíngües diferenciais, que definam cuidadosa e comparativamente todas as unidades correspondentes, em sua extensão e profundidade” (1995:66).

Seguindo a linha diferencial sugerida por Jakobson e inspirando-nos nos procedimentos lexicográficos utilizados em dicionários monolíngües brasileiros recentes (cf. Borba 1991, 2002), estamos buscando, desde 2000 (cf. Zavaglia 2000, Zavaglia & Zavaglia 2000), trazer à baila, no universo da lexicografia bilíngüe ou trilingüe, uma discussão em torno de duas dimensões até então características apenas da lexicografia monolíngüe ou da terminografia: a definição e a contextualização. Para levar a cabo tal projeto, incorporamos a ele recentemente mais três dimensões: a da tradutologia, com as Modalidades Tradutórias de Aubert (1998), a da lingüística enunciativa, com a Teoria das Operações Enun-

ciativas de Antoine Culioli (1999a, 1999b, 2000), e a da lingüística de córpus, com uma ferramenta computacional chamada WordSmithTools.

Para trabalhar esses dois aspectos em lexicografia bilíngüe, há três caminhos possíveis: partir de dicionários monolíngües, bilíngües ou multilíngües, de córpus comparáveis ou de córpus paralelos. De imediato, não nos pareceu interessante realizar a pesquisa a partir de outros dicionários, uma vez que não seria possível cercar as lexias do ponto de vista contextual ou da definição, já que não teríamos material suficiente para servir de base às nossas análises que nos fornecesse uma relação direta entre ocorrências em contexto. Esse tipo de trabalho, muito comum em lexicografia bilíngüe, dá origem ao que Desmet denomina de *falsos bilíngües* (2004). Tampouco mostrou-se pertinente aos nossos propósitos – uma vez que o nosso experimento visa à contextualização autenticamente bilíngüe (paralela) e a uma definição do marcador totalmente dedutiva (dirigida pelo córpus) – a realização da pesquisa a partir de textos escritos em cada uma das línguas ou, em outras palavras, a partir de córpus comparáveis. Confrontado com a primeira opção, esse é um caminho mais interessante, porém sujeito, a nosso ver, a muitas intervenções por parte do lexicógrafo baseadas tanto em sua experiência pessoal como também em consultas a dicionários. Todavia, a abordagem lexicográfica a partir de córpus comparáveis pode dar bons resultados dependendo do ponto de vista adotado (cf. em particular Tognini-Bonelli, 2001). No nosso entender, somente o córpus paralelo pode nos fornecer uma relação contextual autenticamente bilíngüe entre agenciamentos de duas línguas distintas, já que a tradução é, de certa forma, uma resposta espontânea aos problemas lingüístico-culturais que advêm do contato entre duas línguas que queremos observar, mapear e solucionar. Além disso, a nosso conhecimento, não há, dentre os trabalhos atuais em lexicografia bilíngüe, pesquisas – com resultados já publicados – que tenham sido feitas exclusivamente a partir de córpus paralelos. Por este último motivo, qualificamos o verbete que apresentaremos posteriormente de *experimental*. Note-se, igualmente, que já aplicamos a metodologia e os procedimentos descritos e utilizados neste artigo em outros trabalhos cujos resultados revelaram-se promissores (cf. Zavaglia 2004a, 2004b, 2004c). Faz-se importante observar que, pela natureza do córpus utilizado, o verbete apresentado tem como público hipotético lusófonos brasileiros aprendizes de francês ou francófonos franceses aprendizes de português e profissionais (tradutores e professores) das duas línguas.

Dados os aspectos anteriormente discutidos, temos como escopo apresentar neste artigo um verbete bilíngüe experimental português – francês para o marcador *como* utilizando como fundamentos e suportes principais para a sua

ZWAGLIA, Adriana. *Linguística de Corpus e Lexicografia Bilíngüe: O Caso Experimental de Como e suas Traduções para o Francês*.

realização expedientes provindos da linguística enunciativa de Culioli (1999a, 1999b, 2000) e da linguística de corpus, tentando abordar a lexicografia bilíngüe de forma diferencial, dando especial atenção à definição e à contextualização bilíngüe do marcador.

O corpus e o seu tratamento inicial

De uma pequena base de dados paralelos (29.653 palavras, das quais 13.611 em português – conto integral “Minha Gente” de *Sagarana* – e 16.042 em francês – tradução integral do conto “Minha Gente” para o francês, intitulada “Les Miens”), extraímos um corpus paralelo constituído de enunciados que continham o marcador *como* em relação de tradução, ou seja, enunciados em português e em francês. Para manusear esse corpus eletronicamente, utilizamos o programa WordSmithTools.

A primeira etapa de nossa análise consistiu em fazer a concordância do marcador *como*, nesse caso apenas no texto em português, com cinco co-ocorrências à direita e cinco à esquerda. Obtivemos como resposta 36 concordâncias de *como*. Num primeiro momento, já se observaram no corpus algumas das particularidades do marcador, como o seu perfil e o seu padrão colocacional (com os seus colocados mais freqüentes), que se mostraram ainda mais evidentes com o auxílio da lista de palavras oferecida pelo programa, e o seu perfil semântico-funcional. Arriscando uma leitura rápida dos dados colhidos, a qual poderá ou não se confirmar, poderíamos dizer, por exemplo, que *como* tem grandes chances de funcionar como um elemento lógico de ligação entre duas entidades, sejam elas palavras ou orações. Com essas informações prévias, demos início a uma primeira análise enunciativa de *como* que conduziu ao agrupamento dos enunciados de acordo com o seu funcionamento.

A segunda etapa do tratamento do corpus foi o seu alinhamento: feitas as análises de *como* exclusivamente em português – observe-se que a direção de tradução almejada parte do português para o francês – voltamos para o marcador em contexto de tradução com o intuito de verificar as relações, as suas variações, os seus comportamentos.

Somente após essas duas etapas pudemos construir um verbete bilíngüe diferencial para *como*. Contudo, antes de passarmos à descrição e explanação dos procedimentos e da metodologia empregada, apresentaremos resumidamente a seguir os expedientes provindos da Teoria das Operações Enunciativas (cf. Culioli 2000, 1999a, 1999b) que utilizamos para levar a cabo nossas primeiras observações analíticas.

Fundamentos teórico-lingüísticos

A partir de alguns dos conceitos culiolianos, dentre os quais o de *noção*, cremos ser possível analisar o corpus escolhido, interpretando-o qualitativamente em contexto. Essa primeira fase é essencial para definir coerentemente o marcador, de forma que sua definição possa ser aplicada à microestrutura do verbete bilíngüe que pretendemos elaborar.

As noções, que são sistemas complexos de propriedades físico-culturais, não coincidem com as palavras; *elas são captadas* pelas palavras e com elas não se correspondem termo a termo. Culioli elaborou esse conceito com vistas a dar conta da plasticidade dos fenômenos lingüísticos, cujas formas empíricas (palavras e agenciamento de palavras) não têm relação direta com formas semânticas. Isso quer dizer que qualquer palavra (*criança*, por exemplo) ou conjunto de palavras só assume determinado sentido quando de sua efetiva enunciação. Desse modo, *criança* não tem apenas um, mas vários sentidos, dependendo do contexto e do contexto em que ocorre.

Todo indivíduo constrói noções; cada indivíduo tem, portanto, uma representação mental para *criança* elaborada a partir de ocorrências *fenomenológicas* (crianças que viu, que ouviu, que tocou, etc.) e *abstratas* (enunciados contendo a palavra *criança* que ouviu) das quais extrai simbolicamente propriedades. A partir dessas propriedades, o sujeito tipifica a sua representação mental de *criança*. Durante o processo de tipificação, que não é finito, o indivíduo constrói uma listagem de ocorrências abstratas de *criança* dentre as quais uma terá uma posição privilegiada e será chamada de pólo de referência ou P (ou o predicado <ser-criança>). Em torno de P vão circular as outras ocorrências abstratas, que se organizarão de forma a constituir o que Culioli chamou de domínio nocional, representado metalingüisticamente da seguinte maneira: $p_i p_j p_n$. As ocorrências $p_i p_j p_n$ remetem às mesmas propriedades, já que são ocorrências de P. Se quisermos contrapô-las a outras ocorrências para diferenciá-las quanto às propriedades em questão, podemos lançar mão do complementar P', ou de suas ocorrências, $p'_i p'_j p'_n$, que estão no exterior do domínio de P, ou seja, não remetem a P mas a P'. Se quisermos identificar ocorrências, acrescentando a elas outras propriedades, podemos utilizar um outro símbolo na escritura, Q, por exemplo, que pode ou não ser identificado a P.

A partir dessa escritura de base, da qual derivam muitas outras, afinaremos nossa análise incorporando a ela aspectos ligados à intersubjetividade.

Grupos funcionais do marcador *como*

Como já dissemos, os resultados da análise do córpus pelas ferramentas oferecidas pelo WordsmithTools, as quais permitiram a concordância e o levantamento dos colocados do marcador, facilitaram e simplificaram a análise enunciativa, feita enunciado a enunciado. Por essa análise, constituímos os seguintes grupos funcionais (em ordem decrescente considerando o seu valor de frequência de sua ocorrência nos dados analisados):

Valor referencial A: *como* marca uma relação de proporção comparativa entre dois termos, conduzindo uma propriedade Q, de domínio desconhecido, ao domínio de P, conhecido, aproximando as propriedades de Q às propriedades de P. (O enunciador conhece Q e P; o enunciatário conhece apenas P.)

Exemplo: *A fruta mal madura da cagaiteira, comida com sol quente, tonteia COMO cachaça.*

O tontear-da-fruta-madura-da-cagaiteira-comida-com-sol-quente (informação que o enunciatário não compartilha com o enunciador) é feito o tontear-da-cachaça (informação que o enunciatário compartilha com o enunciador).

Q tonteia da mesma maneira que P.

Valor referencial B: *como* marca uma relação de proporção por inferência entre dois termos, entre um domínio P, evidente, e um domínio Q, esperado, inferindo Q através de P. (O enunciador e enunciatário conhecem P e o enunciador espera Q.)

Exemplo: – *Mas você, casado COMO é, não tem vergonha de andar com outra mulher?*

Já que você é casado (informação que enunciador e enunciatário compartilham), você não pode andar com outra mulher (inferência do enunciador).

Já que P, então Q.

Valor referencial C: *como* marca uma relação de proporção sem estabilização entre dois termos, entre dois domínios, P e Q, com varredura apenas em P. (O enunciador não conhece Q, conhece apenas P e tenta estabilizar a relação entre Q e P com o recurso ao enunciatário.)

Exemplo: – *COMO é ela?*

Crop, 10, 2004

Não sei de que maneira ela é (O enunciador não consegue estabelecer uma relação entre P e Q por si só; recorre, então, ao enunciatário.)
De que Q é P?

Os 36 enunciados – note-se mais uma vez que até então trabalhamos apenas com dados extraídos do texto em português – distribuem-se nos três grupos acima apresentados. Vejamos qual a relação de frequência das ocorrências dos valores referenciais assumidos por *como*:

<i>COMO</i>		
Valor Referencial	Número de Ocorrências	Frequência das Ocorrências (%)
A - comparação	22	61,11
B - inferência	7	19,44
C - varredura	7	19,44
Total	36	100

Do quadro acima podemos retirar os valores de frequência de ocorrência do marcador com relação aos valores referenciais que ele assume em contexto e co-texto específico. O resultado dessa observação nos conduzirá a uma ordem em que aparecerão os valores referenciais no verbete. No caso em questão, o valor A deverá aparecer em primeiro lugar e com mais abonações, e os valores B e C, por terem apresentado um mesmo número de ocorrências no corpus analisado, em segundo ou terceiro lugar e com menos abonações.

Traduções de *como* no corpus analisado e sua relação com os valores referenciais

Feita a análise do marcador *como* em contexto monolíngüe, passamos a trabalhar verdadeiramente com o corpus paralelo, alinhando os *paralelismos* (para mais detalhes sobre esse conceito, cf. Zavaglia 2004c). Obtivemos as seguintes relações do marcador *como* com as suas traduções para o francês:

ZWAGLIA, Adriana. *Linguística de Corpus e Lexicografia Bilíngüe: O Caso Experimental de Como e suas Traduções para o Francês*.

Relação entre valores referenciais e traduções			
Valor Referencial	Como traduzido para o francês	Número de Ocorrências	Freqüência das Ocorrências (%)
comparação	comme	18	50
	tel, telle	2	5,55
	tout pareil que	1	2,77
	que	1	2,77
inferência	comme	6	5,66
	en	1	2,77
varredura	comment	7	19,44
Total	comme, tel/telle, tout pareil que, (aussi) que; comme, en; comment	36	100

A elaboração desse quadro de freqüência nos foi essencial, conjuntamente com a do quadro anterior sobre a relação de freqüência das ocorrências dos valores referenciais assumidos por *como*, para a elaboração do verbete: os valores de freqüência das traduções de *como* nos indicou o número de abonações bilíngües que deveria constar para cada caso e também a sua ordem de inserção; respeitamos, assim, um princípio de proporcionalidade. Nesse caso, o Valor A contará com 10 abonações (7 paralelismos *como-comme* e 1 dos demais), o valor B com 4 (3 paralelismos *como-comme* e 1 *como-en*) e o Valor C também com 4 (todas apresentando o paralelismo *como-comment*).

Apresentação do verbete bilíngüe diferencial de *como*

Transpondo de forma experimental os resultados da pesquisa anteriormente apresentados para a estrutura de um verbete diferencial português-francês, com a consideração do valor de freqüência e com a apresentação da entrada, no caso *como*, definida e contextualizada de maneira bilíngüe, temos a seguinte arquitetura:

COMO (invariável) prop. 1. COMO marca uma comparação entre propriedades de dois conjuntos semânticos distintos // COMO marque une comparaison entre les propriétés de deux ensembles sémantiques distincts: **comme, tel(le), (tout) pareil que, (aussi) que** **1.1** [...] *A fruta mal madura da cagaiteira, comida com sol quente, tonteia COMO cachaça // [...] le fruit à peine mur de la colicaire, mangé sous un soleil brûlant, enivre COMME de la cachaça* **1.2** *Santana, ledor de Homero e seguidor de Aibókhin, também, COMO um e outro, cochilou. // Santana, lecteur d'Homère et disciple d'Aillokhine, également, COMME l'un et l'autre, s'est assoupi.* **1.3** *Os mangues da outra margem jogam folhas vermelhas na corrente. Descem COMO canoinhas. // Les manguiers de l'autre rive jettent des feuilles rouges dans le courant. Elles descendent COMME de petites barques.* **1.4** *É boa tática...Um "gambito do peão da Dama", COMO Santana diria... // C'est une bonne tactique... « Un gambit du pion de la reine », COMME dirait Santana...* **1.5** *Estava tosando ar alto, mas nós olhávamos o vôo COMO quem se inclina para espionar um peixe num aquário. // Il tondait l'air des hauteurs, mais nous regardions son vol COMME qui se penche pour observer un poisson dans un aquarium.* **1.6** *E graças aos encontros inesperados dos velhos amigos que eu fico reconhecendo que o mundo é pequeno e, COMO sala-de-espera, ótimo, facilimo de se aturar... // Et c'est grâce aux retrouvailles inattendues de vieux amis que je reconnais que le monde est petit et, COMME salle d'attente, très agréable, très facile à supporter...* **1.7** - *Pororoca! Será que ninguém aqui pensa COMO eu?!... // -Quel méli-mélo ! Il n'y a donc personne ici pour penser COMME moi?...* **1.8** [...] *as árvores ficavam tão quietas, que aquele campo parecia correr, COMO um vau de riacho raso, de transparência movente. // [...] les arbres se tenaient si tranquilles que cette campagne semblait courir, TEL un gué de ruisseau lisse, à la transparence mouvante.* **1.9** *E ambos corriam do assunto e voltavam ao assunto, e era bem COMO na estória da onça e do veado, que, alternadamente e com muita confiança em Deus, construíram uma casa, ignorando-se mutuamente a colaboração. // Et tous deux éludaient le sujet et revenaient au sujet, et c'était tout PAREIL QUE dans l'histoire du jaguar et du cerf qui, à tour de rôle et avec moult confiance en Dieu, avaient construit une maison, chacun ignorant leur mutuelle collaboration.* **1.10** *E Santana estende-me a carteirinha, porque há também a carteirinha, o xadrezinho de bolso, que eu me esquecia de mencionar; tão permanente na algibeira do meu amigo COMO os óculos de um míope na cara de um míope. // Et Santana m'a tendu le modèle réduit, car il y a aussi le jeu en miniature, le petit échiquier de poche, que j'allais oublier de mentionner; aussi permanent dans la poche de mon ami QUE les lunettes d'un myope sur le visage d'un myope.* **2.** COMO marca uma relação dedutiva entre dois termos // COMO marque une relation déductive entre deux termes: **comme; en.** **2.1** *E, COMO foi em honra deles dois, que são meus amigos, faço*

ZWAGLIA, Adriana. *Linguística de Corpus e Lexicografia Bilíngüe: O Caso Experimental de Como e suas Traduções para o Francês*.

questão de que eles sejam os padrinhos!... // Et COMME c'est en leur bonheur à tous les deux, qui sont mes amis, je tiens à ce qu'ils en soient les parrains!... 2.2 ... porque, COMO diz o capiau conterrâneo, "a minha parte de histórico eu prefiro em dinbeiro!"... // ...parce que, COMME dit le paysan de chez nous, «ma part de gloire, je la préfère en argent comptant!»... 2.3 [...] e, COMO as eleições estão próximas, tudo vai muito intenso e muito alegre, a maravilhas mil. // [...] et, COMME les élections sont proches, ça y va à toute vapeur, à coeur joie et à merveille. 2.4 COMO bom capiau, Bento Porfírio acha que ainda é cedo para me avisar. // EN bon péquenot, Bento Porfírio estime qu'il est encore trop tôt pour m'en informer. 3. COMO marca uma tentativa de qualificação de um termo por outro // COMO marque une tentative de qualification d'un terme moyennant un autre: comment. 3.1 – Mas, COMO é que você pode saber isso tudo, José? – indagueu Santana, surpreso. // -Mais COMMENT est-ce que tu peux savoir tout ça, José? a demandé Santana, étonné. 3.2 COMO é ela? É alta? // COMMENT est-elle? Grande? 3.3 Pergunta COMO é que vai o Juquinba... // Demande COMMENT va le Juquinba... 3.4 Não sei COMO foi: um grito de raiva, uma pancada, o t'bum n'água de uma queda pesada, como um pulo de anta. // Je ne sais pas COMMENT ça s'est passé: un cri de rage, un coup, le blouf dans l'eau d'une chute lourde, comme un plongeon de tapiro.

A entrada do verbete vem seguida de uma informação importante: o marcador em questão, *como*, é invariável. Após essa informação, aparece a abreviação da operação enunciativa (ou funcional) geral marcada por *como*; se o consulente tiver curiosidade, ele poderá ler a introdução do dicionário do qual faz parte o verbete e consultar a lista de abreviaturas. Cada valor referencial do marcador é definido de forma mais simples em português e em francês, e contextualizado também nas duas línguas. As abonações permitem ao consulente o contato imediato com os padrões colocacionais do marcador em português (co-texto e co-ocorrências) e com os padrões paralelos de *como* (o par *como / comme* para comparar é mais freqüente; o par *como / comment* é utilizado para interrogar, etc.). As abonações, que vão funcionar como enunciados prototípicos desses funcionamentos, não são *escolhidas* pelo lexicógrafo, mas sim dadas pelos valores de proporção e freqüência retirados do próprio *corpus* de estudo. Desse modo, os funcionamentos específicos do marcador que apareceram no *corpus* são registrados mediante critérios previamente estabelecidos.

O acréscimo da definição e da contextualização à microestrutura faz desse verbete um elemento radicalmente diferente daquilo que se pode encontrar em outros dicionários de mesmo teor. Para levar a cabo essa comparação, elencamos abaixo verbetes de *como* extraídos de três dicionários bilíngües brasi-

leiros¹ português/francês – observe-se que nos dois primeiros, em ordem de apresentação, nada se diz, nos textos que introduzem, apresentam ou prefaciam as obras, sobre os fundamentos teóricos que nortearam a sua elaboração ou sobre os critérios utilizados na sua construção:

Burtin-Vignoles (2003:576):

como, adv. Comme, de même que; vu que; suivant que; tant que, autant que. BRANCO _ A NEVE, blanc comme la neige. VEJA _ ELE TRABALHA, voyez, comme il travaille. TANTO DE UM _ DE OUTRO, autant de l'un comme de l'autre. ASSIM _, comme. _ COMO QUER QUE SEJA, quoi qu'il en soit. PROCEDER _ MÃE, agir en mère. NÃO SEI _ É, je ne sais pas comment cela est. ASSIM _ EU, tout comme moi. _ É LINDA ESTA CRIANÇA! Que cet enfant est beau! _ FOI QUE ACONTECEU? Comment cela est-il arrivé?

Rónai (1989:343):

como adv. Comment; (*em comparações*) comme; en; *falo-lhe _ amigo* je vous parle en ami; *como?* (*para ouvir melhor uma resposta*) vous dites?; *plait-il?*; *interj.* comment!

Signer (1998:286):

como conj + adv comme; puisque; que. *adv* combien; tel. **nada como** = rien de tel. *adv + nm* comment. **como vai?** = comment allez-vous?. *interj* comment!

Embora possam ser de alguma serventia para o consultante, principalmente quando este busca complementar a pesquisa feita anteriormente em dicionário monolíngüe, percebe-se que as opções que lhe são oferecidas nos dicionários acima, descontextualizadas (com alguma exceção, talvez, para as locuções e exemplos – visivelmente forjados – que aparecem nas microestruturas) e sem definição, podem não solucionar o problema que procura resolver. Descontextualizada, a palavra permanece sem sentido, já que sem contexto, não há sentidos, e sem sentidos, não há definição.

À diferença desses verbetes, os paralelismos que apresentamos na microestrutura de nosso verbete experimental estão de acordo, a nosso ver, com aqui-

¹ Embora o dicionário português de Domingos de Azevedo, *Grande Dicionário Português-Francês*, registre variantes brasileiras, preferimos permanecer, até mesmo por falta de espaço, apenas no contexto lingüístico do Brasil.

ZWAGLIA, Adriana. *Linguística de Córpus e Lexicografia Bilíngüe: O Caso Experimental de Como e suas Traduções para o Francês*.

lo que Tognini-Bonelli (2001:19) chamou de *unidades de sentido ampliadas*, ou seja, uma palavra tem sentido na medida em que se relaciona com um co-texto particular. Os elementos desse co-texto acabam, ademais, formando com a palavra um padrão, já que *costumam* acompanhá-la, aparecendo ao seu lado ou nas proximidades. Por esse motivo, a definição e a contextualização, objeto principal de nossa pesquisa, cumprem, a nosso ver, um papel essencial na explicitação da variação semântica do marcador e de suas possíveis traduções num verbete bilíngüe.

Considerações finais

Pelo verbete bilíngüe português – francês de *como*, resultado de um procedimento metodológico particular fundamentado em dois ramos da lingüística também singulares, um em franco desenvolvimento – a lingüística de córpus – e outro ainda mal descoberto – a lingüística enunciativa de Culioli, apresentamos neste artigo a possibilidade real de co-textualização, contextualização e definição das lexias-entrada de dicionários bilíngües através da pesquisa direta em córpus paralelos, com opções oferecidas ao consulente na microestrutura do verbete algumas vezes inusitadas (o par *como* e *pareil que*, por exemplo), que podem não aparecer em dicionários contruídos a partir de outros dicionários ou a partir de córpus comparáveis. Segundo o nosso ponto de vista, a explicitação da variação semântica da lexia-entrada e a sua relação com outras lexias em outras línguas só é possível pela definição e pela contextualização, recursos esses imprescindíveis para resolver o problema da polissemia em contexto autenticamente bilíngüe. No entanto, o procedimento adotado também apresenta desvantagens: i) demanda da parte do lexicógrafo uma observação detalhada dos dados que lhe toma muito tempo e ii) permite-lhe registrar apenas os paralelismos que ocorreram no córpus (outras possibilidades podem não constar). Para tentar contornar esses problemas em busca de representatividade e confiabilidade dos dados, com a intenção de construir um dicionário bilíngüe português – francês de marcadores léxico-gramaticais, necessitamos: ampliar o córpus tanto em número, com mais ocorrências, quanto em qualidade, com textos tipologicamente distintos (literários, jornalísticos, técnicos etc.). Embora ainda em fase experimental e apesar das falhas e obstáculos até então detectados, tal procedimento tem demonstrado que, ao lado de outras abordagens, o futuro da lexicografia bilíngüe diferencial dirigida por córpus paralelos mostra-se bastante promissor.

Referências Bibliográficas

- AUBERT, Francis Henrik. Modalidades de tradução: teoria e resultados. *TradTerm*, São Paulo, n.1 (ano 5), p.99-128, 1sem. 1998.
- BORBA, Francisco da Silva (Coord.). *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.
- _____. *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. São Paulo: Edit. da Unesp, 1991.
- BURTIN-VINHOLES, Suzanne. Dicionário francês – português, português – francês. 40. Ed. São Paulo: Globo, 2003.
- CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation: opérations et représentations*. 2. ed. rev. Paris: Ophrys, v.1, 2000.
- _____. *Pour une linguistique de l'énonciation: formalisation et opérations de repérage*. Paris: Ophrys, v.2, 1999a.
- _____. *Pour une linguistique de l'énonciation: domaine notionnel*. Paris: Ophrys, v.3, 1999b.
- DESMET, Isabel. Comunicação pessoal – Palestra e seminários sobre terminologia e terminografia ministrados na FFLCH – USP, 1sem. 2004.
- JAKOBSON, Roman. Aspectos lingüísticos da tradução. In:_____. *Lingüística e comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1995. p.63-72.
- REY-DEBOVE, Josette. Léxico e dicionário. Tradução de Clóvis Barleta de Morais. *Alfa*, Araraquara, v. 28, 1984, p.45-69.
- RÓNAI, Paulo. Dicionário francês / português – português / francês. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- ROSA, G. *Sagarana*. 10 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- ROSA, G. *Sagarana*. Trad. de Jacques Thiériot. Paris: Albin Michel, 1997. (Les Grandes Traductions)
- SIGNER, Rena. Dicionário brasileiro: francês – português, português – francês. São Paulo: Oficina de Textos, 1998.
- TEIXEIRA, Elisa. *Apostila explicativa sobre o WordSmithTools*. (inédito)
- TOGNINI-BONELLI, Elena. *Corpus linguistics at work*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.
- ZAVAGLIA, Adriana. Por uma lexicografia bilíngüe diferencial. In: DURÃO, A.B.A.B. *Lingüística contrastiva: teoria e prática*. Londrina: Moriá, 2004a. p.169-177.
- _____. Lexicografia bilíngüe e tradução: por uma abordagem diferencial. *Anais do III Congresso Ibero-americano de Tradução e Interpretação – CIATI*, São paulo, p.1-11, 2004b.
- _____. A relação entre original e tradução no contexto da lexicografia bilíngüe dirigida por corpus: o conceito de paralelismo. (texto integral da comunicação apresentada no 52 Seminário do GEL, Campinas, 2004c)

ZAVAGLIA, Adriana. *Linguística de Corpus e Lexicografia Bilíngüe: O Caso Experimental de Como e suas Traduções para o Francês*.

_____. A elaboração de um verbete-modelo para a construção de um dicionário temático bilíngüe de cores francês – português. *Estudos Linguísticos* (Bauru), p.843-848, 2000.

ZAVAGLIA, Adriana; ZAVAGLIA, Claudia. A elaboração de um dicionário trilíngüe de cromônimos italiano-português-francês / francês-português-italiano: reflexões e considerações. *Linguística* (Alfal), São Paulo, v. 12, p. 235-247, 2000.